

Entre Filosofia, Psiquiatria e Psicologia: O (Não) Lugar da Psicopatologia Fenomenológica

Lucas Guimarães Bloc
Marianna Facó
José Waldo Saraiva Neto
Bruna Soares Picanço

Resumo

Este artigo propõe uma reflexão sobre o lugar da Psicopatologia Fenomenológica (PF) no cenário clínico contemporâneo. Sob uma abordagem inspirada na ambiguidade merleau-pontyana, defende-se que a PF não se fixa em um território único, mas se constitui no entrelaçamento entre filosofia, psicologia e psiquiatria. Esse “entre” é apontado como potência crítica, ética e clínica, capaz de sustentar uma prática plural e sensível à experiência vivida. Três perspectivas principais são indicadas. Primeiramente, epistemológica, discute-se a tensa relação entre as fenomenologias filosófica e clínica. Na segunda, apresenta-se um panorama da produção científica dos últimos dez anos (2015-2025). Na terceira, social e política, aborda-se lacunas como a falta de diversidade e a necessidade de incorporar perspectivas críticas (feministas, decoloniais, antirracistas). Conclui-se acerca da necessidade de um chamado à valorização da pesquisa, da experiência em primeira pessoa e da construção de uma PF que se efetive na clínica, como prática viva e ética.

Palavras-chave: Fenomenologia; Psicopatologia; Filosofia; Psiquiatria; Psicologia.

Publicado pela Sociedade Brasileira Psicopatologia Fenômeno-Estrutural (SBPFE).

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licençaCC BY nc 4.0.

ARTIGO



Psicopatol. Fenomenol. Contemp.
2026; vol15 (2): 4565

Published Online

08 de agosto de 2026

<https://doi.org/10.37067/rpfc.v15i2.1296>

Lucas Guimarães Bloc

Doutor em Psicopatologia na
Université Paris Diderot - Paris VII;
Professor do PPGP/UNIFOR -
Coordenador do APHETO.

Contato: blocclucas@gmail.com

Marianna Facó

Mestranda em psicologia
especializada em Psicoterapia
Humanista-Fenomenológica e
Transtornos Alimentares. Vinculada
à Universidade de Fortaleza
(UNIFOR), atua no Laboratório de
Psicopatologia e Clínica Humanista
Fenomenológica (APHETO).

Contato: mariannafaco@gmail.com

José Waldo Saraiva Neto

Psicólogo clínico com formação em
fenomenologia-existencial e
enfoque em gestalt-terapia,
mestrando em psicologia pela
UNIFOR, atua no Laboratório de
Psicopatologia e Clínica Humanista
Fenomenológica (APHETO).

Contato: psi.josewaldo@gmail.com

Bruna Soares Picanço

Mestranda em psicologia pela
Universidade de Fortaleza (UNIFOR),
atua no Laboratório de
Psicopatologia e Clínica Humanista
Fenomenológica (APHETO)

Contato:
brunasoarespicanco@gmail.com

Between Philosophy, Psychiatry, and Psychology: The (Non) Place of Phenomenological Psychopathology

Lucas Guimarães Bloc
Marianna Facó
José Waldo Saraiva Neto
Bruna Soares Picanço

Abstract

This article reflects on the place of Phenomenological Psychopathology (PP) in the contemporary clinical landscape. Inspired by Merleau-Ponty's notion of ambiguity, it argues that PP does not belong to a single domain, but emerges through the interweaving of philosophy, psychology, and psychiatry. This "in-between" is understood as a critical, ethical, and clinical potential, supporting a plural practice sensitive to lived experience. Three perspectives are outlined. First, from an epistemological standpoint, it examines the tense relationship between philosophical and clinical phenomenologies. Second, it presents an overview of scientific production over the past decade (2015–2025). Third, from a social and political perspective, it highlights gaps such as lack of diversity and the need to include critical approaches (feminist, decolonial, anti-racist). It concludes by calling for greater recognition of research, first-person experience, and the development of PP as a living, ethical clinical practice.

Keywords: Phenomenology; Psychopathology; Philosophy; Psychiatry; Psychology.

Publicado pela Sociedade Brasileira Psicopatologia Fenômeno-Estrutural (SBPFE).

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CC BY nc 4.0.

ARTIGO



Psicopatol. Fenomenol. Contemp.
2026; vol15 (2): 4565

Published Online

08 de agosto de 2026

<https://doi.org/10.37067/rpfc.v15i2.1296>

Lucas Guimarães Bloc

Doutor em Psicopatologia na
Université Paris Diderot - Paris VII;
Professor do PPGP/UNIFOR -
Coordenador do APHETO.

Contato: bloc Lucas@gmail.com

Marianna Facó

Mestranda em psicologia
especializada em Psicoterapia
Humanista-Fenomenológica e
Transtornos Alimentares. Vinculada
à Universidade de Fortaleza
(UNIFOR), atua no Laboratório de
Psicopatologia e Clínica Humanista
Fenomenológica (APHETO).

Contato: mariannafaco@gmail.com

José Waldo Saraiva Neto

Psicólogo clínico com formação em
fenomenologia-existencial e
enfoque em gestalt-terapia,
mestrando em psicologia pela
UNIFOR, atua no Laboratório de
Psicopatologia e Clínica Humanista
Fenomenológica (APHETO).

Contato: psi.josewaldo@gmail.com

Bruna Soares Picanço

Mestranda em psicologia pela
Universidade de Fortaleza (UNIFOR),
atua no Laboratório de
Psicopatologia e Clínica Humanista
Fenomenológica (APHETO)

Contato:
brunasoarespicanco@gmail.com

Introdução

Passados cem anos de seu surgimento, a Psicopatologia Fenomenológica se apresenta como uma via de compreensão dos modos de adoecer, tendo como eixo fundamental o foco na experiência e suas condições de possibilidade (Messas, 2023). Ao buscar romper, desde o seu início, com lógicas hegemônicas, em terceira pessoa e centradas na doença, ela demarca, em sua pluralidade, um lugar de “crítica da razão psiquiátrica” (Tatossian, 1986/2024, p. 75) e de “escola da experiência” (Tatossian, 1979/2025, p. 267) ao priorizar o vivido e a condição de inacabamento da experiência que não permite uma demarcação objetiva completa daquilo que é vivido pelos pacientes. O seu caráter crítico é uma marca que advém de seus fundamentos filosóficos e se expande na dimensão clínica. Ao mais “questionar a doença mental” (Tatossian, 1979/2025, p. 338) do que buscar respostas fixas, ela ensina que é no contato com a experiência do outro que se aprende e que é preciso estar aberto ao estranhamento diante de seu vivido.

Ao surgir a partir de uma inspiração na fenomenologia filosófica de autores como Husserl, Heidegger, Merleau-Ponty e Sartre, a Psicopatologia Fenomenológica parece transitar entre lugares, entre influências e marcas que constituem aquilo que ela se apresenta como campo de possibilidades. Ainda que se estruture sob bases e fundamentos filosóficos, ela não se “reduz” a eles diante de sua direção clínica. É entre o saber filosófico e o clínico, em suas diferentes possibilidades (Psicopatologia, Psiquiatria e Psicologia Clínica), que a Psicopatologia Fenomenológica se efetiva e busca uma identidade. Este artigo surge do questionamento acerca do lugar da Psicopatologia Fenomenológica. Trata-se aqui de um lugar, ou ainda, de um possível não lugar, que é, e precisa ser, polissêmico ao revelar, ao mesmo tempo, um escopo científico, um campo discursivo, uma via formativa e prática, uma dimensão interdisciplinar, ou seja, um largo campo de possibilidades.

Não se busca fixar um lugar, pois isto teria como implicação a destituição de seu caráter fenomenológico. Trata-se de um lugar que parece sempre escapar. Inspirados na ambiguidade presente no pensamento de Merleau-Ponty (1945/2009; 1964), assume-se o tensionamento que existe entre estabelecer um lugar que teria como consequência fixá-la em um território e um campo restrito que limitaria e ameaçaria sua importância e, ao falar de um não-lugar, também haveria riscos e

ameaças de não estabelecer nortes e um campo consistente de compreensão, intervenção e pesquisa. Defende-se a necessidade de sustentar o lugar do “entre”, aqui pensado entre a filosofia, com seus fundamentos e atravessamentos teórico-metodológicos, e o campo clínico que se institui no radical encontro com o outro e que tem na psiquiatria e na psicologia clínica seu campo de trabalho. Ainda que seja possível falar, em certa medida, de um caráter autônomo da Psicopatologia Fenomenológica como ciência, considerando seu objeto e o próprio método, é no entrelaçamento desses campos que ela se constrói e se efetiva. Há aqui uma trama singular de saberes distintos que se atravessam para compreender o fenômeno psicopatológico. É nesse “entre” que se aponta a potência crítica, ética e clínica, capaz de sustentar uma prática plural e sensível à experiência vivida.

Ao não se reduzir, e nem poderia, a nenhuma dessas disciplinas, pode-se dizer que a Psicopatologia Fenomenológica ocupa um lugar incômodo, ou ainda, que pode produzir incômodos, como, por exemplo, não alcançar o rigor da fenomenologia filosófica ou ainda de produzir uma clínica que se distancia dos ditames fenomenológicos, não se sustentando sob esse escopo. Aquilo que está sendo nomeado e pontuado como um incômodo, pode ser compreendido como oriundo desse tensionamento entre campos. Como via de compreensão, é trazida a noção de entrelaçamento (*entrelacs*) que norteia a lente ambígua sobre a qual Merleau-Ponty sustenta sua filosofia. Desenvolvida, sobretudo, no livro publicado postumamente, *O Visível e o Invisível* (1964), ela aponta para uma relação de co-pertencimento e reversibilidade entre sujeito e mundo. Busca-se, assim, romper com as dicotomias ao se pensar a mútua constituição ser humano e mundo, o que tem como implicação o imperativo de se pensar a experiência psicopatológica em seu radical entrelaçamento com o mundo.

Por meio do entrelaçamento, é possível incorporar o movimento que é próprio da existência e que não enrijece a lente sobre o adoecer em uma lente única. A Psicopatologia Fenomenológica se constitui nesse entre, nesse tecido comum. Sua profundidade se mostra diante do seu inacabamento que é próprio da existência humana e da fenomenologia em sua tarefa, aqui cita-se Merleau-Ponty (1945/2009), de buscar “revelar o mistério do mundo e o mistério da razão” (p. 20), ou ainda, o mistério da experiência de adoecer de modo situado no mundo e que se funda na sustentação da existência para além da patologia.

Este artigo tem como objetivo desenvolver uma reflexão sobre o lugar — ou o não-lugar — da Psicopatologia Fenomenológica (PF) no cenário clínico contemporâneo. Três perspectivas principais são indicadas. Na primeira, epistemológica, discute-se a tensa relação entre as fenomenologias filosófica e clínica, destacando a importância de uma implicação mútua e não hierárquica entre os saberes. Na segunda, de cunho científico, apresenta-se um breve panorama da produção acadêmica dos últimos dez anos (2015-2025), com destaque para autores, temáticas e revistas relevantes, além de apontar a dificuldade de delimitar o escopo da PF. Na terceira, social e política, abordam-se lacunas como a falta de diversidade e a necessidade de incorporar perspectivas críticas (feministas, decoloniais, antirracistas), defendendo uma psicopatologia situada e comprometida com as desigualdades históricas.

Ponto de vista epistemológico: A (tensa) relação entre as fenomenologias filosófica e clínica

A filosofia não é a passagem de um mundo confuso para um universo de significados fechados. Pelo contrário, ela começa com a consciência do que nos atormenta e nos faz explodir. (La prose du monde, Paris, Gallimard, 1969; "Tel", 1995, pp. 25-26)

A relação entre as fenomenologias filosófica e clínica é histórica e fundamental como a base constitutiva da Psicopatologia Fenomenológica. Esta relação remonta aos primórdios da Psicopatologia Fenomenológica com Karl Jaspers (1968) e à sua efetivação com Eugène Minkowski e Ludwig Binswanger (Ferrarello et. al, 2025; Tatossian, 1979/2025). Todos esses autores, assim como aqueles que seguiram a tradição, são atravessados por um modo particular de relação entre as fenomenologias. Trata-se de um lugar de tensão necessário diante de uma co-construção que tem seu fim principal a clínica e que pode ser situada na relação entre teoria e prática. No escopo da Psicopatologia Fenomenologia, as fenomenologias se afetam, ou mesmo, se constituem mutuamente (Bloc & Moreira, 2024; Bloc et al., 2017). Este modo de relação, traz alguns questionamentos, tais como: como partir de um campo, de uma base filosófica, e adentrar na dimensão clínica? Como manter o rigor fenomenológico sem, excessivamente, subir na *torre de marfim* que pode nos distanciar da experiência? Como não cair em uma via pragmática da fenomenologia para a clínica?

Para além de uma resposta direta, estes questionamentos, que devem

sempre ser mantidos, possuem uma relevância como via crítica e de atenção na busca da consistência do campo. Há sempre um risco mútuo que envolve, de um lado, a incompreensão da fenomenologia pelos clínicos, como apontado na pesquisa de Orengo, Holanda e Goto (2020) com psicólogos clínicos, e, de outro, um possível distanciamento da experiência propriamente dita, colocando a atenção central, em uma lógica em terceira pessoa, sobre as teorizações acerca dos modos em que tais experiências são vividas.

Entre os possíveis caminhos de resposta, destaca-se aqui dois pontos. O primeiro deles é a não hierarquização de saberes. Se é assumido um modo de relação que se institui em seu caráter histórico, epistemológico e que possui implicações metodológicas, é preciso não estabelecer graus de importância. A riqueza parece estar na relação por si mesma e naquilo que os campos se tocam mutuamente. Obviamente, as ênfases são distintas de acordo com aquilo que se traça como objetivo, por exemplo, na pesquisa ou mesmo na prática clínica. Entretanto, não deve ser situada como uma disputa ou embate em prol da demarcação de um lugar. Entende-se que o caminho deve ser de potencialização dessa relação a partir de um interesse comum. Não se trata de um caminho apenas teórico, mas também político. Os questionamentos e o rigor oriundos, e mesmo herdados, da fenomenologia filosófica são fundamentais para que se estabeleça uma demarcação daquilo que a Psicopatologia Fenomenológica é e pode ser. Já a dimensão clínica é aquilo que funda e dá condições para a compreensão da experiência. Não há Psicopatologia Fenomenológica sem clínica ou, como aponta Moreira (2012), ela se dá clínica para a clínica.

O segundo ponto que se defende é a busca de uma relação positiva. Para além da ênfase sobre aquilo que falta, ou mesmo falha, nas áreas e no modo de relação, enfatiza-se a necessidade do reconhecimento de suas contribuições e limites como via de efetivação necessária entre os campos. A natureza da relação entre as fenomenologias deve estar sustentada naquilo que se busca e nos fundamentos que demarcam sua estrutura comum. Não se trata de negar os tensionamentos, por vezes, necessários, mas de assumir as diferenças e os pontos comuns na busca da consistência de um saber que assenta sob bases fenomenológicas a compreensão do adoecer humano. Entende-se que há uma correlação fecunda e radicalmente necessária que traz implicações teórico-práticas.

Apesar da riqueza e fecundidade, a histórica relação entre fenomenologia filosófica e clínica carrega equívocos e mal-entendidos. Entre os principais, pode-se destacar a tentativa de aplicar a fenomenologia filosófica, utilizando de modo técnico e pouco rigoroso. A fenomenologia filosófica não é, e não pode ser, um guia técnico de como ser clínico, ela traz um atravessamento que estabelece condições para a construção de um olhar e de uma prática. Trata-se de fundamentos que permitem uma posição clínica e a constituição de um método que aponta o caminho de sempre seguir a pista do vivido. Entre os modos de pensar essa relação, destaca-se a via proposta por Tatossian (1979/2025) de uma relação de implicação, e não de aplicação, entre as fenomenologias. Para o psiquiatra, o principal aporte do escopo fenomenológico advém do atravessamento que a atitude fenomenológica possibilita, implicando em uma radical abertura àquilo que é vivido pelo outro e se apresentando como certo freio das tentações da atitude natural, inclusive, daquela que, em alguns momentos, se aprisiona, excessivamente, em modelos diagnósticos (Bloc et al., 2017).

A implicação fenomenológica, moldada pela atitude que a acompanha, tem como fim a compreensão. Trata-se de uma direção a ser buscada clinicamente e a atitude fenomenológica nos dá pistas para, como diria Merleau-Ponty (1945/2009), “reaprender a ver o mundo” (p. 19) por meio das histórias narradas e sob a consciência de que o mistério sempre permanece diante do campo de possibilidades que marca toda existência em seu inacabamento. Compreender é para o filósofo “reapoderar-se da intenção total”, “da maneira única de existir” (Merleau-Ponty, 1945/2009, p. 16), considerando que “tudo tem um sentido” (p. 17). Cabe ao clínico a busca incessante por revelar tais sentidos, por “entender pela coexistência” (Merleau-Ponty, 1964, p. 242) como caminho radical da compreensão. O encontro é o caminho por excelência para a compreensão e a atitude fenomenológica de sua condição de possibilidade.

Quando é abordada a atitude fenomenológica, parte-se do entendimento que ela é, e precisa ser, ética, crítica e clínica (Moreira & Bloc, 2021). Diante de sua implicação, há um reconhecimento e respeito radical da alteridade como fundamento ético. Busca-se impedir qualquer redução da pessoa, inclusive, aquela que um diagnóstico pode implicar. Na dimensão crítica, assume-se uma atitude de questionamento da familiaridade e freio das tentações classificatórias. Há uma dinâmica indagativa ancorada na crítica como busca de sentido por meio de uma

abertura situada à experiência do outro. Seu caráter clínico tem como marca a ênfase sobre a experiência e a busca da compreensão como via de cuidado. A atitude fenomenológica potencializa a escuta, o encontro e os gestos de abertura àquilo que é próprio da pessoa em seu entrelaçamento com o mundo. É bem verdade que a origem da atitude fenomenológica advém da fenomenologia filosófica em suas diferentes direções. Entretanto, considera-se que ela pode se apresentar como via concreta e base para a fenomenologia clínica.

A Psicopatologia Fenomenológica não tem como objetivo “construir teorias a partir da experiência, mas realçar um novo modelo de experiência, se necessário, para intermediar teorias” (Tatossian, 1979/2025, p. 129). Nesta perspectiva, sua tarefa deve ser sempre situada no entrelaçamento entre teoria e prática, no diálogo entre as fenomenologias e no interesse fundamental pela experiência de adoecer como elemento norteador. A ênfase na experiência e nas suas condições de possibilidades marca as diferentes possibilidades da fenomenologia clínica.

É importante mencionar a pluralidade – seja em referenciais no campo da filosofia, seja no domínio clínico – do campo fenomenológico. No Brasil, há um terreno fértil, em especial, no modo em que a psicologia clínica brasileira posiciona a fecundidade clínica do escopo fenomenológico. Há uma identificação e reconhecimento desse potencial demonstrada na presença fenomenológica em grande parte dos cursos de Psicologia. O contexto brasileiro privilegiado por identificar nas bases da fenomenologia filosófica um potente caminho de construção de uma via clínica. Entretanto, é importante mencionar que tal escopo nem sempre adentra na especificidade da Psicopatologia Fenomenológica. Ainda que haja uma ampla discussão sobre a construção clínica de inspiração fenomenológica no Brasil, o modo em que isso é feito varia nos diferentes grupos e universidades. Diante de tal pluralidade, parece-nos ainda mais relevante buscar posicionar a relevância da Psicopatologia Fenomenológica, abrindo espaço para sua presença em cursos de graduação e de pós-graduação.

No que tange à Psiquiatria, a dificuldade de inserção parece ainda mais acentuada, evidenciada por sua escassa presença na formação psiquiátrica. Tal cenário aponta, em um primeiro momento, para um obstáculo inerente à própria fenomenologia: a exigência de suspensão da atitude natural, que contraria o modo como a ciência tradicionalmente se compreende (Tatossian, 1979/2025). Além

disso, sua densidade filosófica, aplicabilidade clínica e desenvolvimento de pesquisas são pontos a serem considerados na busca por espaço. O reconhecimento da relevância da experiência subjetiva tem aberto espaço para mais discussões fenomenológicas na psiquiatria (Larsen et al., 2022). Há um duplo papel da fenomenologia na psiquiatria, caracterizado, por um lado, pelo centramento na ciência — em que a fenomenologia atua como via de fortalecimento da investigação empírica — e, por outro, pelo centramento no indivíduo, na medida em que contribui para o fortalecimento da dimensão humanista na psiquiatria (Messas et al., 2023).

Assumir a tensão oriunda da relação entre as fenomenologias, estabelecendo fronteiras e pontos de interseção, pode contribuir para alicerçar a posição da Psicopatologia Fenomenológica. Entende-se que há um campo em desenvolvimento e que pode em muito contribuir para o cuidado em saúde mental, em especial, quando se consegue dialogar, transitar e, por vezes, entrelaçar o fecundo diálogo entre a Filosofia, a Psicologia e a Psiquiatria.

Ponto de vista científico: panorama de publicações

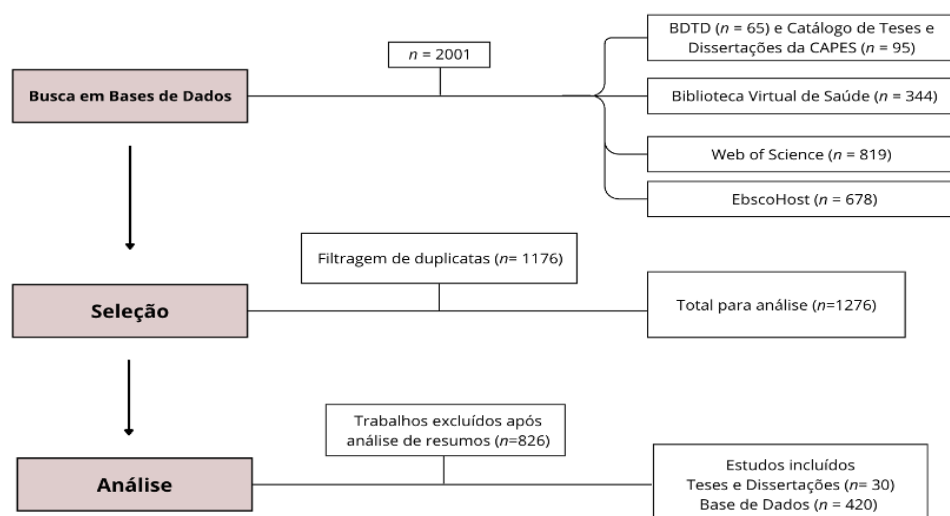
Na discussão sobre o lugar da Psicopatologia Fenomenológica, chega-se a um ponto central que é a produção científica desse campo. O que a caracteriza em termos metodológicos? Toda discussão fenomenológica sobre o adoecer, que envolve a saúde mental, deve ser inserida nesse escopo? A partir das publicações, pode-se falar da Psicopatologia Fenomenológica no plural? Na tentativa de responder tais perguntas, foi realizado um breve panorama de publicação na busca de caracterizar a produção científica brasileira e internacional na Psicopatologia Fenomenológica. Trata-se aqui de uma revisão narrativa (Ogassavara et al., 2025) que busca caracterizar em termos gerais a literatura da área de modo amplo. Optou-se por não seguir um protocolo rígido e sistemático na seleção de estudos, mas trazer uma visão panorâmica como parte da proposta do manuscrito.

Inicialmente foi realizado um levantamento bibliográfico durante o mês de setembro de 2025 nas bases de dados Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), Web of Science e EbscoHost. O mesmo processo foi realizado para mapeamento de literatura cinzenta, consultando o Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), visando ampliar o mapeamento da produção acadêmica nacional nos programas de Pós-Graduação no

Brasil. As estratégias de busca utilizadas seguiram as palavras-chave “Psychopathology” e “Phenomenology” junto ao operador booleano “AND”. No caso das bases voltadas a teses e dissertações por se tratar de sistemas locais os termos foram utilizados em português “Psicopatologia” e “Fenomenologia”. Desse modo, objetivou-se ter um amplo acesso à literatura publicada nos últimos 10 anos, entre 2015 e 2025. Vale ressaltar que as buscas se restringiram às bases escolhidas e que os resultados estão diretamente relacionados com as indexações das revistas nas bases. Estudos publicados no campo da Psicopatologia Fenomenológica, ainda que de conhecimento dos autores, foram desconsiderados. No que tange às produções de dissertações e teses, optou-se por centrar a busca no contexto brasileiro. Isso se justifica pela inexistência de bases de busca que reúnem produções internacionais.

Os artigos coletados no primeiro estágio da pesquisa foram inseridos na plataforma de auxílio para triagem de estudos para revisões da literatura (Rayyan), onde todas as duplicatas foram detectadas e excluídas. Esse processo está destacado na Figura 1, apresentando o número de estudos encontrados em cada base de dados. A segunda etapa da pesquisa envolveu a triagem com base no título, resumo e palavras-chave, onde foram aceitos estudos que envolviam o escopo da Psicopatologia Fenomenológica. Ao fim, a amostra foi composta por 30 pesquisas realizadas nos programas de Pós-graduação e 420 estudos derivados de Bases de Dados.

Figura 1 – Fluxograma de pesquisa

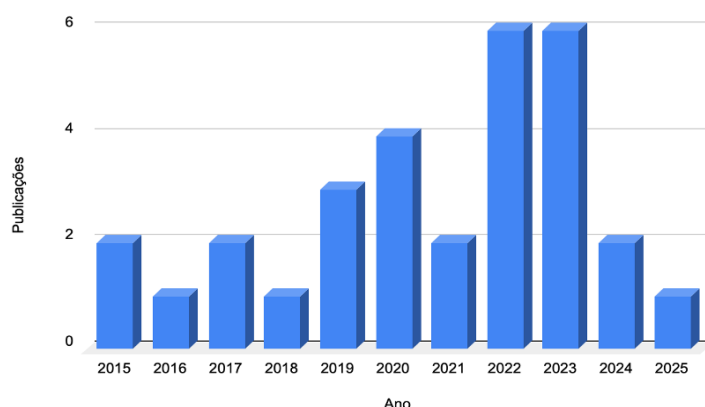


Foram produzidos nos Programas de Pós-Graduação ($n = 30$) 13 teses e 17 dissertações. Observou-se predominante estudos de abordagem qualitativa (46,7%), seguidos por trabalhos de natureza teórica (33,3%). As produções contemplam temáticas diversas, com destaque para investigações de caráter mais generalista acerca da Psicopatologia Fenomenológica, especialmente no que se refere às suas práticas e aos seus desdobramentos clínicos, conforme apresentado na Tabela 2.

Tabela 2 - Temática de investigação em dissertações e teses

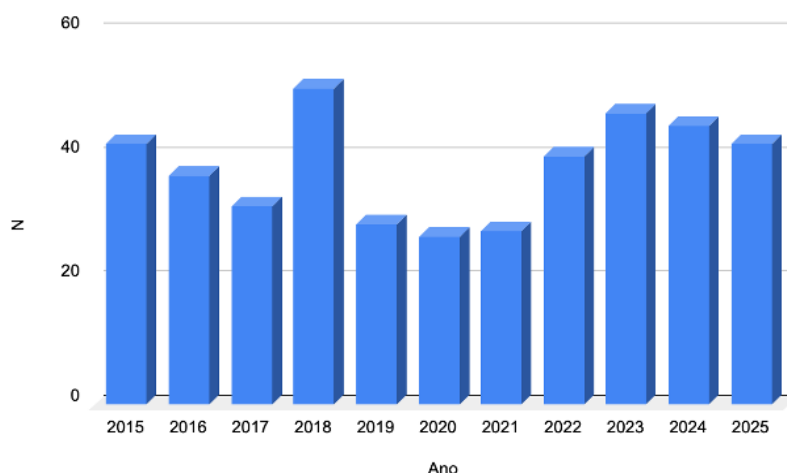
Temática de Investigação	Frequência (f)	Porcentagem (%)
Psicopatologia Fenomenológica e desdobramentos clínicos	15	50
TDAH	3	10
Mania	2	6,7
Esquizofrenia	2	6,7
Transtornos Alimentares	2	6,7
Borderline	1	3,4
Dependência tecnológica	1	3,4
Autismo	1	3,4
Ansiedade	1	3,4
Depressão pós-parto	1	3,4
Uso de substâncias	1	3,4
Total	30	100

Ao observar a distribuição temporal das pesquisas desenvolvidas nos Programas de Pós-Graduação apresentada na Figura 2, os autores evidenciam uma tendência de estabilidade entre 2015 e 2018. Apresenta-se uma tendência de crescimento nos anos de 2019 e 2020, no ano de 2021 uma leve queda, uma possível consequência da pandemia da COVID-19. No entanto, os anos de 2022 e 2023 demarcam o pico de produção. A partir de 2024 ocorreu uma redução acentuada, indicando possíveis declínios de interesse ou atraso nas publicações desses estudos.

Figura 2 - Distribuição temporal das produções nos programas de Pós-Graduação

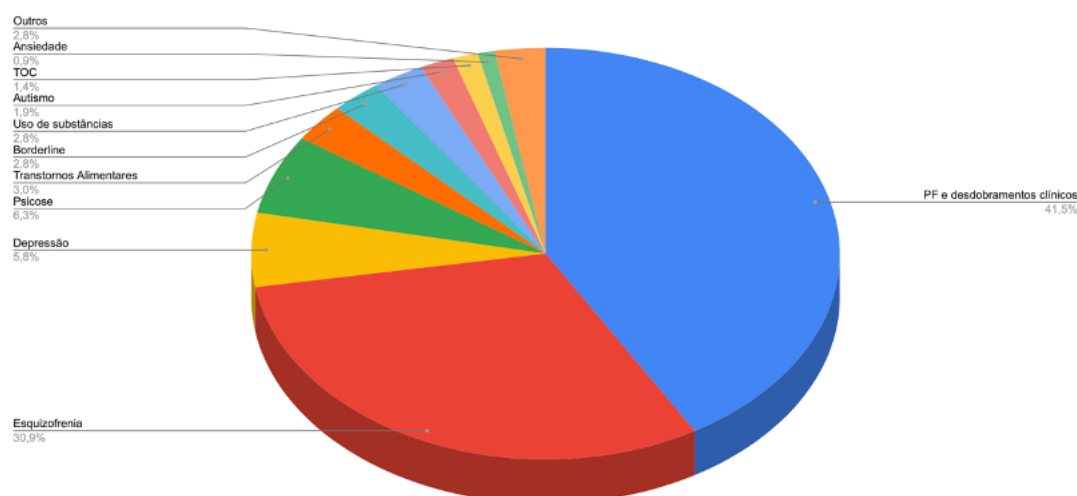
No que se refere à localização das instituições que sediam esses estudos, destaca-se a Universidade de Fortaleza (UNIFOR), responsável por 40% das pesquisas ($n = 12$). Foi identificada uma concentração geográfica da produção em Psicopatologia Fenomenológica, com predominância dos estados do Ceará (40%) e de São Paulo (40%) como principais polos de pesquisa na área. Observa-se, ainda, como lacuna, a ausência de produções oriundas de instituições da região Norte do Brasil.

Os estudos provenientes das bases de dados totalizaram 420 publicações, sendo 274 artigos, 41 capítulos de livro, 4 editorial e uma dissertação. Ao ser analisada a tendência temporal das publicações (ver Figura 3), notou-se uma tendência decrescente entre os anos de 2015-2017 e um salto expressivo no ano de 2018, sendo o pico de produção ($n=51$). Nos anos de 2019-2021, novo período de queda, mas seguindo uma estabilidade. No entanto, a partir de 2022 destaca-se uma recuperação consistente, seguida de estabilidade.

Figura 3 - Tendência temporal das produções provenientes de Bases de Dados

Na figura 4, é possível observar com maior detalhamento as temáticas de investigação encontradas na pesquisa em base de dados. O campo de pesquisa de maior atenção envolve textos de base mais generalista, que discutem as implicações e o uso clínico da Psicopatologia Fenomenológica em diferentes contextos. Por outro lado, enfatiza-se a relevante produção no campo das Psicoses, especialmente da Esquizofrenia, sendo a categoria diagnóstica de maior atenção. Esse dado confirma que a longa tradição histórica que marca os estudos fenomenológicos sobre a esquizofrenia se mantém. Estudos com temáticas que não atingiram mais de 4 publicações, foram inseridos na categoria “Outros”, dentre estes estão, por exemplo, estudo sobre Transtornos Sexuais, Bipolaridades, Histerialicações, sendo Transtornos Sexuais, Bipolaridade, Histeria, Dependência Tecnológica, Transtorno do Estresse Pós-Trauma e Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade. Tais produções ainda são incipientes ou permanecem com pouca investigação na área da Psicopatologia Fenomenológica.

Figura 4 - Temáticas de investigação



No que diz respeito às metodologias de investigação utilizadas nesses estudos, é possível observar a forte predominância nas publicações de estudos teóricos, seguidos de estudos de base qualitativa e revisões de literatura, assim como o crescimento na utilização de estudos com métodos mistos. Todavia, há uma restrição de estudos de base puramente quantitativa, sendo presente apenas uma vez, 0,2% dos estudos, o que se justifica, em especial, pelo modo particular em que o campo fenomenológico explora os modos de adoecer em suas investigações, enfatizando muito mais a qualidade e o caráter distinto do vivido psicopatológico. No entanto, vale destacar o desenvolvimento de instrumentos de avaliação clínica de inspiração fenomenológica, sendo uma tendência de pesquisa recente. Entre eles, podemos mencionar o IDEA (Stanghellini et al., 2012), voltado para os transtornos alimentares, e estudos envolvendo a utilização do EASE e o EAWE, ambos voltados para a esquizofrenia (Sass et al., 2017).

Os estudos selecionados colocam Giovanni Stanghellini, Josef Parnas, Elizabeth Pienkos e Thomas Fuchs como autores de destaque nas pesquisas publicadas, todos pesquisadores europeus. No cenário brasileiro, os pesquisadores Guilherme Messas e Virgínia Moreira se destacam. Maiores detalhes estão disponíveis na nuvem de palavras na Figura 5

Figura 5 - Principais autores



O breve panorama de publicações aqui apresentado traz uma compreensão global do que foi produzido entre 2015 e 2025. Alguns elementos merecem destaque, como a predominância de estudos teóricos. Entende-se que há ainda uma lacuna no desenvolvimento de estudos que possam investigar de modo mais direto a partir da perspectiva das pessoas que vivem as experiências de adoecer. Outro elemento que se mostrou presente foi a dificuldade de delimitação do campo. Na busca, optou-se por restringir os termos de busca para torná-la possível. Entretanto, como pesquisadores da área, os autores consideram que algumas produções — ainda que direta ou indiretamente relacionadas — deveriam ser excluídas desta revisão, uma vez que há trabalhos no campo da Psicopatologia Fenomenológica que não se apresentam explicitamente no escopo delimitado ou que, por exemplo, não utilizam palavras-chave que os identifiquem como tais.

Esse é um ponto sensível sobre o lugar da Psicopatologia Fenomenológica na medida em que há um cenário que envolve as discussões sobre as experiências de adoecer que utiliza a lente fenomenológica sem, necessariamente, se reconhecer no escopo específico da Psicopatologia Fenomenológica. Essa via está presente, em especial, nas articulações diretas com a fenomenologia filosófica e também demonstra as diferenças de identidade assumidas pelos grupos de pesquisa, sobretudo, no Brasil.

É necessário certo cuidado no status atribuído às pesquisas fenomenológicas

no campo da psicopatologia, ou seja, parece, aos autores, fundamental um reconhecimento do campo ao qual se está inserido, seja por parte dos pesquisadores envolvidos, seja por parte dos leitores. Isso porque há um risco de, excessivamente, associar aspectos que envolvem muito mais a pluralidade do campo fenomenológico em seu diálogo clínico como um todo do que, especificamente, da Psicopatologia Fenomenológica. Por outro lado, o cenário aqui apresentado demonstra a fecundidade e a pluralidade da Psicopatologia Fenomenológica, o que convida a todos a continuar buscando a delimitação de seu escopo e definição de suas bases teórico-metodológicas.

Ponto de vista social e político: lacunas e desafios Psicopatologia Fenomenológica

Apesar de historicamente a Psicopatologia Fenomenológica surgir como uma leitura crítica da prática psiquiátrica e dos modelos hegemônicos de psicopatologia (Tatossian, 1986/2024; Zahavi & Loidolt, 2022), tal criticidade não a eximiu de negligenciar os contornos específicos do sofrimento de grupos historicamente marginalizados (Spencer, Broome & Stanghellini, 2024) e de abordar de modo lateral as dimensões sociais e contextuais que envolvem as experiências de adoecimento. O cenário da produção científica apresentado corrobora para aquilo apontado por Spencer, Broome e Stanghellini (2024) e parece acenar para uma fragilidade presente no campo, que se manifesta na falta de diversidade e inclusão, trazendo o desafio de ampliar a discussão da Psicopatologia Fenomenológica. As alterações estruturais presentes no adoecimento se manifestam radicalmente em uma experiência de mundo que envolve aspectos sociais, culturais e políticos. O desafio, e até mesmo o futuro, da Psicopatologia Contemporânea envolve se posicionar e desenvolver seu escopo de modo a considerar a pessoa em seu sofrimento e adoecimento de modo situado, contextualizado e territorializado.

Do ponto de vista histórico, a Psicopatologia Fenomenológica foi centrada por autores brancos, europeus e do sexo masculino. Esse quadro parece permanecer pouco alterado no cenário contemporâneo, o que tende a refletir em uma escassa produção científica que leve em consideração uma visão crítica e interseccional da experiência de adoecimento. É necessário superar essa lacuna e considerar como esses fatores estruturais se cruzam na experiência do sofrimento, pois ignorá-los

mantém uma visão parcial do vivido do paciente (Spencer, Broome & Stanghellini, 2024). O risco de não considerar tal lacuna é seguir em *torres de marfim*, como diria Tatossian (1979/2025), repletos de teorias, mas distantes da realidade concreta de seus pacientes. Essa é uma armadilha que se pode cair, enfrentando o desafio que o mundo exige. Ao aproximar fenomenologia e psicopatologia, a Psicopatologia Fenomenológica deve sustentar principal aquisição oriunda de uma lente fenomenológica que é “ter unido o extremo subjetivismo ao extremo objetivismo” (Merleau-Ponty, 1945/2009, p. 18), considerar a dupla experiência (Tatossian, 1979/2025) que envolve os aspectos objetivos e subjetivos do adoecimento. A teoria não pode ser subterfúgio para um essencialismo exacerbado e para um enquadramento que já define aquilo que o outro experiência. Ela nos dá referências apriorísticas sobre um tipo de funcionamento psicopatológico, mas é somente no encontro com aquele que sofre que será possível reconhecer tal estilo e mesmo reconstruir compreensões clínicas a partir do caso em sua singularidade. A Psicopatologia Fenomenológica exige que se mantenha a abertura ao fenômeno e que a saúde mental seja posicionada de modo contextualizado e crítico (Baiausu & Messas, 2025).

Há um caminho de revisão das metodologias e ampliação do paradigma de sujeito que fundamenta a prática e a pesquisa em Psicopatologia Fenomenológica (Messas & Fernandez, 2022; Spencer, Broome & Stanghellini, 2024). Seguindo esse caminho, ao pensar, por exemplo, a noção de vulnerabilidade antropológica, que serve como referência para a compreensão do adoecimento na Psicopatologia Fenomenológica (Fuchs, 2018), é fundamental se ampliar em direção a uma vulnerabilidade situacional. Trata-se assumir, explicitamente, a variedade de fatores a exemplo de raça, gênero, idade, etnia, cultura, status social e econômico como fatores interconectados que constituem a experiência sofrimento ou bem-estar de uma pessoa (Baiausu, 2023). Trata-se de um reposicionamento no campo da Psicopatologia Fenomenológica, em uma posição de abertura ao horizonte social e de consideração das desigualdades sociais, raciais, de gênero e econômicas. Defende-se aqui, portanto, uma abordagem contextual da psicopatologia, uma *Psicopatologia Fenomenológica Situada*, sensível aos contextos históricos e socioculturais de cada sujeito (Baiausu & Messas, 2025; Pienkos et al., 2023). Tal postura posiciona a prática clínica para além da relação terapêutica, mas situada entre pessoa e mundo, entre singular e universal.

Identifica-se ainda a necessidade fundamental de uma maior diversidade teórica, para além da tradição filosófica, médica e psicológica (Baiausu & Messas, 2025; Spencer, Broome & Stanghellini, 2024), que possa dialogar e articular com perspectivas críticas descoloniais, feministas, queer e anti racistas, além de uma articulação interdisciplinar. Há um caminho necessário que envolve assumir uma lente crítica-compreensiva que considere tanto a estrutura social quanto os corpos que nela aparecem como deslocados das normas dominantes (Ahmed, 2007). Trata-se de um possível antídoto para não cair nas armadilhas da normatividade que produzem opressões e violências.

Considerações finais

Ao longo desse artigo, buscou-se sustentar que a Psicopatologia Fenomenológica não encontra seu lugar em uma delimitação disciplinar fixa, mas precisamente naquilo que aqui nomeia-se como o “entre”. Longe de ser posicionado como fragilidade, esse não-lugar revela, na verdade, sua potência constitutiva ao situar o campo no entrelaçamento entre filosofia, psicologia e psiquiatria. É nesse espaço de tensão — e não em sua superação propriamente — que a Psicopatologia Fenomenológica se constitui, exigindo a sustentação de uma relação de implicação mútua, não hierárquica, entre os saberes, na qual teoria e prática se co-constituem continuamente.

O breve panorama científico apresentado evidencia a necessidade de avançar na produção de estudos que se aproximem mais diretamente do vivido, superando a predominância de abordagens, exclusivamente, teóricas. A delimitação da Psicopatologia Fenomenológica é um desafio sem que isso signifique, necessariamente, reduzir sua pluralidade constitutiva. Trata-se, portanto, de um campo que demanda, simultaneamente, maior clareza teórico-metodológica e abertura à diversidade de perspectivas e práticas. No plano científico e institucional, foi possível perceber a necessidade de ampliar e descentralizar a produção, ainda fortemente concentrada em determinados contextos geográficos e linguísticos. Esse esforço se articula a um desafio ainda mais amplo e incontornável: a incorporação de uma perspectiva social, política e crítica que permita situar a experiência do adoecimento em seus contextos históricos, culturais e estruturais. A Psicopatologia Fenomenológica, na tentativa de manter sua vocação crítica, é convocada a

reconhecer e integrar dimensões como raça, gênero, classe e cultura, avançando na direção de uma abordagem situada, sensível às desigualdades e comprometida com uma compreensão mais ampla e concreta do sofrimento humano.

Considera-se que é, sobretudo, na clínica que esse campo encontra sua efetivação mais radical. A Psicopatologia Fenomenológica não se sustenta como um saber meramente teórico, mas como uma prática viva, fundada na atitude fenomenológica como posição ética, crítica e clínica. No encontro com o outro, na escuta do vivido e na abertura ao imprevisível da experiência, ela realiza sua tarefa fundamental de compreensão.

Conclui-se que a Psicopatologia Fenomenológica se constitui como um campo em permanente movimento, marcado pelo inacabamento que é próprio tanto da existência humana quanto da própria fenomenologia. Sustentar esse caráter aberto não significa fragilizá-la, mas, ao contrário, garantir sua vitalidade. Foi identificado que o caminho a ser seguido pela Psicopatologia Fenomenológica passa pela valorização da pesquisa em sua pluralidade de métodos e objetos, mantendo-se sempre próxima da experiência em primeira pessoa como eixo fundamental; pelo reconhecimento de seus múltiplos movimentos, tensionamentos e modos de expressão, tanto no Brasil quanto no cenário internacional; e pela sustentação do “entre” de modo vivo e inacabado, na reafirmação de um compromisso ético, crítico e clínico com a compreensão situada do sofrimento humano.

Referências

- Ahmed, S. (2007). A phenomenology of whiteness. *Feminist Theory*, 8(2), 149-168. <https://doi.org/10.1177/146470010707813>
- Baiasu, R. (2023). Vulnerability, Wellbeing and Health. In: Boubilil, E., Ferrarello, S. (eds) *The Vulnerability of the Human World. Philosophy and Medicine*, vol 148. Springer, Cham. https://doi.org/10.1007/978-3-031-41824-2_9
- Baiasu, R., & Messas, G. (2025). Contextualising mental health: interdisciplinary contributions to a new model for tackling social differences and inequalities in mental healthcare. *Philosophical Psychology*, 38(1), 246–266. <https://doi.org/10.1080/09515089.2024.2384592>
- Bloc, L., & Moreira, V. (2024). O diálogo entre filosofia e clínica: O paradoxo fenomenológico. *Psicopatologia Fenomenológica Revisitada*. Rio de Janeiro: Edições IFEN.
- Bloc, L., Moreira, V., Wolf-Fédida, M., & Chamond, J. (2017). *Lá relation d'implication*

(et non d'application) entre les phénoménologies philosophiques et cliniques: L'ê point de vue d'Arthur Tatossian. *Bulletin de psychologie*, 70(4), 301-309. doi:10.3917/bupsy.550.0301

Ferrarello, S., Brencio, F., Bizzari, V., & Englander, M. (2025). Editorial: Phenomenological psychopathology: who, what and how? An analysis of key figures, advancements and challenges. *Frontiers in Psychology*. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2025.1644046>

Fuchs, T. (2018). Por que há doença psíquica?. *Para uma psiquiatria fenomenológica: Ensaio e conferências sobre as bases antropológicas da doença psíquica, memória corporal e si mesmo ecológico*. (1ª ed., pp. 7-25). Via Verita.

Jaspers, K. (1968). The phenomenological approach in psychopathology. *The British Journal of Psychiatry*, 114(516), 1313-1323. <https://doi.org/10.1192/bjp.114.516.1313>

Larsen, R. R., Maschião, L. F., Piedade, V. L., Messas, G., & Hastings, J. (2022). More phenomenology in psychiatry? Applied ontology as a method towards integration. *The Lancet Psychiatry*, 9(9), 751-758. [https://doi.org/10.1016/S2215-0366\(22\)00156-0](https://doi.org/10.1016/S2215-0366(22)00156-0)

Merleau-Ponty, M. (1964). *Le visible et l'invisible*. Gallimard.

Merleau-Ponty, M. (1969). *La prose du monde*. Paris, Gallimard

Merleau-Ponty, M. (2009). *Fenomenologia da percepção*. São Paulo, SP: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1945).

Messas, G. P. (2023). Os cem anos da psicopatologia fenomenológica: Reflexões sobre uma visão de mundo. *Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea*, 12(2), 2-25. <https://doi.org/10.37067/rpfc.v12i2.1134>

Messas, G., Fernandez, A. V. (2022). Recontextualizing the subject of phenomenological psychopathology: Establishing a new paradigm case. *Frontiers in Psychiatry*. 13:1035967. doi: 10.3389/fpsyg.2022.1035967

Messas, G., Stanghellini, G., & Fulford, K. W. M. B. (2023). Phenomenology yesterday, today, and tomorrow: A proposed phenomenological response to the double challenges of contemporary recovery-oriented person-centered mental health care. *Frontiers in Psychology*, 14, 1240095. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2023.1240095>

Moreira, V. (2012). *Clínica do Lebeswelt: Psicoterapia e Psicopatologia Fenomenológica*. Escuta.

Moreira, V., & Bloc, L. (2021). Introdução: Afinal, o que é fenomenologia clínica?. *Fenomenologia clínica* (1. ed.). Edições Ifen.

Ogassavara, D., Ferreira, T. da S., Tertuliano, I. W., Bartholomeu, D., Costa, J. F., & Montiel, J. M. (2025). Trilhas metodológicas para a revisão narrativa:

- orientações pragmáticas para sua elaboração. *Ensino & Pesquisa*, 23(3). <https://doi.org/10.33871/23594381.2025.23.3.10317>
- Orengo, Fabiane Villatore, Holanda, Adriano Furtado, & Goto, Tommy Akira. (2020). "Psicologia Fenomenológica" de Husserl - a (In)compreensão de Psicólogos Brasileiros: Um Estudo Empírico. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 20(spe), 1066-1087. <https://doi.org/10.12957/epp.2020.56651>
- Parnas, J., Møller, P., Kircher, T., Thalbitzer, J., Jansson, L., Handest, P., & Zahavi, D. (2005). EASE: Examination of Anomalous Self-Experience. *Psychopathology*, 38(5), 236–258. <https://doi.org/10.1159/000088441>
- Pienkos, E., Englebert, J., Feyaerts, J., Ritunnano, R. & Sass, L. (2023). Editorial: Situating phenomenological psychopathology: subjective experience within the world. *Front. Psychol.* 14:1204174. doi: 10.3389/fpsyg.2023.1204174
- Sass, L. A., Pienkos, E., Skodlar, B., Stanghellini, G., Fuchs, T., Parnas, J., & Jones, N. (2017). EAWE: Examination of anomalous world experience. *Psychopathology*, 50(1), 10–54. <https://doi.org/10.1159/000454928>
- Spencer, L., Broome, M. R., & Stanghellini, G. (2024). The future of phenomenological psychopathology. *Philosophical Psychology*, 38(1), 1–16. <https://doi.org/10.1080/09515089.2024.2403881>
- Stanghellini, G., Castellini, G., Brogna, P., Faravelli, C., & Ricca, V. (2012). Identity and eating disorders (IDEA): A questionnaire evaluating identity and embodiment in eating disorder patients. *Psychopathology*, 45(3), 147–158. <https://doi.org/10.1159/000330228>
- Tatossian, A. (2024). Prática psiquiátrica e fenomenologia. In L. Bloc & V. Moreira (Eds.), *Psicopatologia Fenomenológica Revisitada*. Rio de Janeiro: Edições IFEN. (Trabalho original publicado em 1986)
- Tatossian, A. (2025). *Fenomenologia das Psicoses*. Rio de Janeiro: Edições IFEN. (Trabalho original publicado em 1979)
- Zahavi, D., Loidolt, S. Critical phenomenology and psychiatry. *Cont Philos Rev* 55, 55–75 (2022). <https://doi.org/10.1007/s11007-021-09553-w>